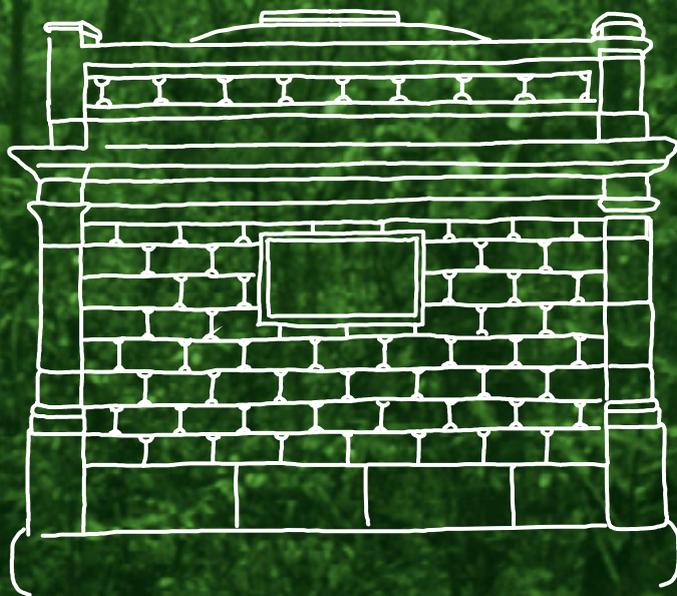


Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura
e Lei Municipal de Incentivo à Cultura - Lei do ISS apresentam



TRILHA DO RIO CARIOCA

Cartilha para uso pedagógico

Fundamental 1

TRILHA DO RIO CARIOCA: CARTILHA PARA USO PEDAGÓGICO
Versão voltada ao Fundamental 1

Ficha Técnica

PEDRA D'ÁGUA PROJETOS SOCIOAMBIENTAIS

Chico Schnoor | COORDENAÇÃO EDITORIAL E REDAÇÃO

Igor Valamiel | PESQUISA HISTÓRICA E REDAÇÃO

Bernardo Lessa | REVISÃO DE TEXTO

Juliana Colussi | DESIGN E FOTOGRAFIA

PARQUE NACIONAL DA TIJUCA

Alex Fiuza | SUPERVISÃO E REDAÇÃO

SUMÁRIO

“Os Rios” de Janeiro e Carioca na origem da Cidade 5

As fontes de água na origem do Rio 6

*Histórico da Floresta da Tijuca:
Da derrubada seletiva até a
criação do PNT 7*

*A trilha do rio Carioca
e seus atrativos 8*

Bibliografia 15



“No Rio Carioca banhavam-se os índios Tamoyo que cultuavam a sua magia, pois suas águas, segundo as crenças, davam beleza às mulheres e virilidade aos homens”

(Patrimônio Cultural Carioca –
Placa no Largo do Boticário)

“Os Rios” de Janeiro e Carioca na origem da Cidade

Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. Foram as águas do Rio Carioca que saciaram a sede das populações indígenas tupinambás (tamoios e temiminós) e também dos primeiros portugueses e franceses que aportaram no entorno da Baía de Guanabara.

A **foz**¹ do rio Carioca se encontra bem próxima ao cenário de batalhas pela conquista da região, como a batalha de Uruçumirim, na qual Estácio de Sá, o fundador da cidade, morre em combate frente aos tamoiós, no atual bairro da Glória.

Este episódio ilustra bem a vitalidade do rio Carioca para a colonização do território, suas águas eram foco de disputa pela proximidade tanto da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, fundada pelos portugueses em 1565, quanto dos assentamentos dos franceses.

MAS DE ONDE VEM O NOME CARIOCA?

Entre os anos de 1557 e 1558, o cronista francês Jean de Léry fez parte do estabelecimento de uma Colônia Francesa próxima ao Rio Carioca. Assim ele se refere a uma aldeia que conheceu no local, de origem tupinambá e fundamental para nossa história:

“Nessa aldeia, assim chamada, que é o nome de um ribeiro, da qual a aldeia toma o nome, por estar situada perto. Verte-se por: casa dos kariós; composto desta palavra kariós (carijós) e de ók (oca), que significa casa.” (LÉRY apud FREITAS, ...)

1. Foz é onde o rio se encontra com o mar.



As fontes de água na origem do Rio

De acordo com uma resolução da ONU², aprovada por mais de 120 países, “o direito a uma água potável própria e de qualidade e a instalações sanitárias é um direito do homem, indispensável para o pleno gozo do direito à vida.” (Resolução A/RES/64/292 – ONU). Mas não era bem assim quando a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro foi fundada.

O Rio Carioca era longe do morro do Castelo, onde começava nossa cidade, tinha que cavar poços muito fundos ou pegar água de baixa qualidade, pois as baixadas de então estavam tomadas por terrenos alagadiços pelo mar, eram águas salobras³ ruins para beber.

A necessidade de ir buscar água no rio Carioca representou uma das primeiras formas de criação de caminhos pelas baixadas. Um caminho ligava a região do Castelo ao Carioca margeando um dos braços formados em sua foz, denominado Rio Catete.

Quando descobriram o ouro em Minas Gerais, a cidade do Rio vira o mais importante porto da América portuguesa. Veio muita gente morar no Rio de Janeiro para abastecer a região de alimentos e tudo o mais necessário ao funcionamento das minas e da ligação delas com o porto. Isso fez com que a cidade crescesse muito.

Mas crescer precisa de água!!

De onde vamos tirar essa água?

DO RIO CARIOCA!!

Ao invés de pegar águas na foz do rio Carioca, resolveram mudar o curso do rio e jogar ele para dentro das muralhas da cidade⁴. Em 1723 as águas canalizadas a partir do Carioca correram até o chafariz do largo de Santo Antônio, atual largo da Carioca.

No entanto, logo o sistema precisou ser reformado, pois o Rio de Janeiro virou capital do Brasil e a população aumentou. Represaram o Rio Carioca, construíram uma caixa, chamada Mãe d'Água, para guardar mais água e reformaram todo o sistema dando origem ao aqueduto da Carioca: então a maior obra de toda a colônia da América portuguesa. A obra fora concluída no ano de 1750.

2. Organização das Nações Unidas.

3. Mistura de água doce com salgada.

4. Naquele tempo o Rio de Janeiro era cercado para se proteger do ataque de franceses, piratas e índios.

A chegada da Corte em 1808 exigirá novas medidas e um volume ainda maior de água para dar conta do incremento de quase 20.000 habitantes causado pela instalação da corte imperial no Rio.

Histórico da Floresta da Tijuca: Da derrubada seletiva até a criação do PNT

O Maciço da Tijuca, localizado na parte sudeste do município do Rio de Janeiro, abriga o Parque Nacional da Tijuca. Esta floresta se situa no interior de uma cidade muito grande, que vem crescendo bastante desde a época de sua fundação. Com um relevo e uma vegetação muito rica, desde os tempos mais remotos o Rio de Janeiro despertou a admiração dos visitantes pela sua beleza. No entanto, esta paisagem deslumbrante descrita em versos e ilustrada em aquarelas começa a se **modificar**⁵ rapidamente.

Com velocidade impressionante, as encostas do Maciço da Tijuca são tomadas pelo café. Em fins do século XVIII já haviam pequenas plantações em Santa Teresa, Andaraí e Cosme Velho. No início do Século XIX as plantações tomavam já a quase totalidade do maciço.

Apesar dos agricultores da época deixarem pequenas áreas de mata, a grande maioria da vegetação existente foi suprimida, dando lugar a imensas extensões de **monocultura**⁶ de café. Essas matinhas que deixavam em pé eram de pequenas extensões alteradas, que serviam de depósito vivo para lenha e madeira que pudessem ser utilizadas na propriedade ou protegiam olhos e fontes d'água.

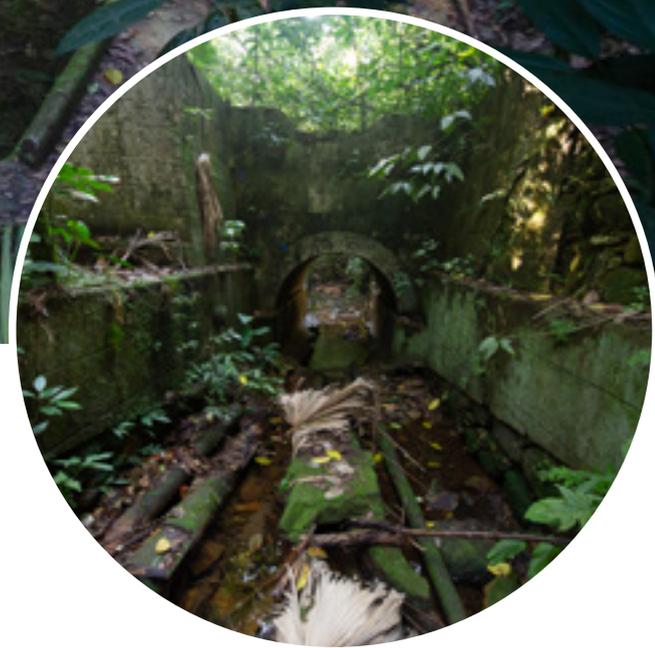
Porém, tirando a floresta e deixando café, a água foi embora, pois ela precisa da floresta. Então o Imperador, D. Pedro II manda reflorestar tudo, pois precisava **voltar a ter água**!! A Floresta da Tijuca nasce assim com uma dupla função: Preservar a água e ser uma área de lazer. Foi neste contexto que em 1861 é criada a Floresta Nacional da Tijuca, formada por propriedades que antes eram fazendas, sendo iniciado o processo de seu reflorestamento visando recuperar os cursos d'água.

Em seu centenário (1961) a Floresta da Tijuca se torna Parque Nacional, e em 1991 é incluída pela UNESCO ao seletivo grupo de áreas de proteção ecológica reconhecidas como Reservas da Biosfera.

5. Primeiro se extraiu o Pau Brasil das Matas, depois madeira para construção e carvão e depois veio os grandes produtores de café, que provocaram o desmatamento de quase toda a mata.

6. Plantio de só uma espécie vegetal.

7. A floresta serve como uma esponja, acumulando água e mantendo os rios. Suas raízes ajudam a armazenar água no solo no tempo da chuva e trazer ela para superfície na época da seca. As árvores "suando" (Evapotranspiração) mantém o ambiente mais úmido e fresco. Quando tiramos a floresta, a chuva que bate escorre direto e não fica guardada para quando precisar da água na seca.



A trilha do rio Carioca e seus atrativos

■ BANHEIRA DO IMPERADOR

A partir do Centro de Visitantes Paineiras, a banheira do imperador é o primeiro ponto de parada de nossa trilha interpretativa. Possivelmente integrava um sistema de abastecimento de água das propriedades mais próximas do alto curso do Rio. Além do reservatório, encontramos um arco de pedra, ponte de uma antiga estrada.

Neste ponto da trilha, podemos perceber a dimensão dos vários sistemas de captação de água dos quais o Carioca é testemunha, e também os diversos ciclos econômicos que ocuparam as florestas das Paineiras e da Tijuca, como a época do café e a ocupação da floresta pela aristocracia a partir do começo do século XIX.

■ A CASA DO CARIOCA

A casa do Carioca constitui-se no segundo ponto de parada da trilha do Rio Carioca. Ninguém sabe quem morou nessa casa, mas repara-se que suas janelas altas eram para entrar mais luz e refrescar mais a casa, típico de uma época sem luz elétrica em que o homem pensava nas construções usando a natureza como aliada.





■ PLANTAS QUE NOS CONTAM HISTÓRIAS

Em uma floresta o homem deixa marcas que nem sempre são visíveis aos olhos de quem não conhece suas histórias. Plantas exóticas⁸ à floresta da tijuca foram trazidas pelos escravizados por que simbolizavam suas crenças.

Temos na trilha a 'dracena', o 'dendê' e a 'comigo ninguém pode', comumente plantadas próximo às habitações por representarem força, proteção e resistência. A presença delas indica que nesses locais possivelmente já houve moradias.

Um jequitibá centenário localizado entre a Casa do Carioca e o Mirante da Guanabara, uma árvore intacta que assistiu toda essa transformação: por que será que não a derrubaram assim como fizeram com tantas outras nesta floresta?

■ MIRANTE DA GUANABARA

Do mirante é possível ver o morro de Santa Teresa e o caminho feito pela canalização do rio Carioca até o aqueduto, no centro da cidade. Por falar no centro da cidade, do mirante podemos vê-lo quase completo e perceber a concentração de edificações espremidas entre o mar e a montanha, também o porto, a Baía de Guanabara com suas ilhas e a costa de Niterói.

Mais ao fundo, a baixada fluminense, a serra dos órgãos e o paredão da serra do mar também compõem a paisagem possível de ser observada nos dias de melhor tempo, aqueles preferidos pelos cariocas em visita ao Carioca!

A observação da paisagem através do Mirante da Guanabara convida a várias leituras do espaço da cidade e revela a nossa história. E aí, o que você conseguiu observar?

8. Plantas exóticas são aquelas espécies que não são naturais daqui. Por exemplo, a Jaqueira, que é da Índia.





■ O RESERVATÓRIO DA MÃE D'ÁGUA

O Reservatório da Carioca engloba a Mãe D'Água, primeira caixa de passagem de captação de água na história do Rio de Janeiro e que liga a represa do Carioca ao sistema de canalização criado para abastecer os aquedutos que levavam a água da serra da Carioca até o centro da cidade. Este reservatório fez parte da primeira **transposição**⁹ de um rio na história do país!!!

9. Transposição é quando a gente pega um rio e muda ele de lugar para atender nossas necessidades!!

■ A CAPTAÇÃO HOJE

Atualmente a captação da água que nasce no Parque Nacional da Tijuca é feita pela CEDAE (Companhia Estadual de Águas e Esgotos), mas esta captação atende somente às populações vizinhas ao parque, comunidades do entorno e bairros mais próximos.

No quadro a seguir, podemos ter a dimensão das diversas bacias hidrográficas que têm origem nas florestas do parque. A preservação do parque é o que faz ainda termos água nessas nascentes.





BACIAS HIDROGRÁFICAS LOCALIZADAS NO PARQUE NACIONAL DA TIJUCA E CAPTAÇÕES DE ÁGUA

NOME	SETOR	ÁREA (KM ²)
Anil	Floresta	5,58
São Conrado	Paineiras	0,70
São Conrado	Gávea	0,99
Cachoeira	Floresta	5,58
Cachoeira	Paineiras	2,41
Cachoeira	Gávea	1,10
Mangue	Floresta	3,20
Mangue	Paineiras	4,88
Botafogo	Paineiras	0,34
Rio Carioca	Paineiras	1,98
Lagoa Rodrigo de Freitas	Paineiras	6,79
Rio da Barra	Gávea	0,48
Rio das Pedras	Gávea	0,45
TOTAL NAS BACIAS DE CAPTAÇÃO		25,54

Adaptado de SIQUEIRA, Andréa Espinola de...[et. Al.]. Guia de campo do Parque Nacional da Tijuca. Rio de Janeiro: UERJ / IBRAG, 2013.

Bibliografia:

- CAPILÉ, Bruno. Rios urbanos e suas adversidades: repensando maneiras de ver as cidades. HALAC. volume V, número 1. Guarapuava: pp.81-95. septiembre 2015-febrero 2016.
- CAVALCANTI, Nireu. O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CORRÊA, Armando Magalhães. Terra Carioca: fontes e chafarizes. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939.
- DRUMMOND, José Augusto. O Jardim Dentro da Máquina: Breve história ambiental da Floresta da Tijuca. Estudos Históricos. Vol. 1. Num. 2. Rio de Janeiro: pp 276-298, 1988.
- ENDERS, Armelle. A História do Rio de Janeiro. Trad. Joana Angélica d'Ávila Melo. 2a ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2009.
- FILHO, José Teixeira de Seixas; OGEDA, Mariana da Silva; ARAÚJO, Thais Ramos da Silva. Rio Carioca: sua história e sua degradação. Vol. 10, núm. 3. Rio de Janeiro: pp 69-77, 2016.
- SCHLEE, Mônica Bahia; CAVALCANTI, Nireu Oliveira; TAMMINGA, Kenneth. As transformações da paisagem na bacia do Rio Carioca. Paisagem e Ambiente: ensaios. Núm. 24. São Paulo: pp 267 - 284, 2007.
- SEDREZ, Lise Fernanda. O corpo na História Ambiental: de corpos d'água a corpos tóxicos. Corpo: Sujeito e objeto. pp. 265-281, 2012.
- SILVA, Rafael Freitas da. O Rio antes do Rio. 2a ed. Rio de Janeiro: Babilônia Cultural Editorial, 2015.
- SIQUEIRA, Andréa Espínola de...[et. Al.]. Guia de campo do Parque Nacional da Tijuca. Rio de Janeiro: UERJ / IBRAG, 2013.
- Heynemann, Claudia B. Floresta da Tijuca: natureza e civilização no Rio de Janeiro – século XIX. 1ed, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995. 196p
- Corrêa, Marcos Sá. Parque Nacional da Tijuca: 140 anos da reconstrução de uma floresta. 1ed, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2001. 148 p
- Dean, Warren. A ferro e fogo, a história e a devastação da mata atlântica brasileira. 5ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 484p

Realização:



Apoio:



Patrocínio:

